

ESCRITORES: VISÕES DO MUNDO. O ANTI-SEMITISMO.

Profa. Dra. Lucia Pereira de Lucena-Guerra
Universidade de São Paulo
Brazilian Studies Association – BRASA

"Entre as coisas que aprendera em Auschwitz, uma das mais importantes foi a de que era necessário evitar ser "um qualquer". Todas as portas se fecham para quem parece inútil, todas se abrem para quem exerce uma função mesmo a mais insípida.

Primo Levi – "A trégua", p.97

O verdadeiro da história, o verdadeiro do romance

Exceção feita à escola romântica, na qual é estabelecido "um diálogo" entre a imaginação e a realidade, o historiador se mostra frequentemente mais imaginativo do que o romancista; as polêmicas que opõem – dos séculos XVIII ao XX – romancistas e historiadores, baseiam-se essencialmente na dicotomia do Verdadeiro e do Falso. Os romancistas historicistas do final do século XIX, entre eles Émile Zola, Eça de Queirós, autores escolhidos para nosso trabalho, redescobrem o peso da História, consideram o romance o "instrumento de conhecimento", capaz de tratar objetivamente a realidade histórica. Louis Aragon julga "le romancier réaliste capable d'atteindre la vérité de l'historien qu'il définit comme : 'un diagnostic juste des faits, d'une situation. Un diagnostic juste est le résultat des connaissances, des méthodes, du flair, de l'intention, de la chance' "¹. Para Sartre, contrariamente ao que pensa Aragon, não existe história verdadeira de espécie alguma. "L'Histoire est toujours autre qu'elle-même. Même le vrai qu'on

¹ ARAGON, Louis. *La fin du monde réel. Oeuvres romanesques croisées*. Paris, Laffont, 1905/1967. Tome VII, 1965.p.322

dit d'elle est faux par incomplétude, parce que dès qu'on le dit il est autre"². Cabe então a Drieu-la-Rochelle estabelecer um equilíbrio entre as opiniões dos dois escritores, pois afirma que as obras do historiador e a do romancista se assemelham e são tão verdadeiras, tanto uma como a outra, visto que : "la vie est toujours juste écho de la vie"³ .

Escolhemos então, os dois romancistas, o português, Eça de Queirós e o francês, Émile Zola, que escreveram não apenas para imaginar o vivido, recriando ao partir da realidade que os circunda, transportando para a escritura de suas obras, suas observações, suas preocupações que estão na base de sua astuta visão do mundo, e dos seres humanos que nele se inserem. Escrituras que se tornam investigações, acusações, seja das injustiças sociais, seja das humanas e sobretudo sempre prontas a colocar o dedo nas feridas que produzem o mal estar das sociedades, aquelas que sempre procuraram esconder e esquecer , e, até os nossos dias tornam-se tão difíceis de serem lembradas e relatadas.

Um dos princípios de toda a História do anti-semitismo: a Inquisição.

A História da Inquisição nos mostra ao longo de sua duração, no período compreendido de 1478 a 1834, as datas do estabelecimento e abolição da Inquisição espanhola, a da Inquisição portuguesa – entre 1536 e 1821 e, a da Inquisição romana, reorganizada em 1542 e, abolida entre 1746 e 1800. Faremos uma rápida análise do papel do cristão-novo, ou seja do judeu convertido, para que possamos ver, entre as incontáveis perseguições sofridas pelos judeus, a que

² SARTRE, J.P. *La grande morale*, extraits d'un *Cahier de Notes*. 1947 . *Obliques*, Numéro spécial 18-19, 1979, p.260.

³ LA-ROCHELLE, D. *Gilles*. Préface. Paris, Gallimard, 1939.

provavelmente foi uma das mais fortes e sobretudo interesseiras, apenas sobrepujada pelo Nazismo, do III Reich.

A perseguição aos cristãos-novos, alvo maior da atividade inquisitorial ibérica e motivo explícito da fundação dos tribunais da fé na Espanha e em Portugal, suscitou uma forte oposição, que extravasou em certas conjunturas os meios envolvidos, encontrando mesmo a simpatia de parte da população de cristãos-velhos. Essa imagem de ação arbitrária, que se opõe à imagem de inquérito rigoroso apregoado pelo tribunal, difundiu-se desde muito cedo na Europa, provavelmente na sequência da expulsão em 1492 e da drenagem dos cristãos-novos portugueses durante as primeiras décadas do século XVI. Durante o período da Inquisição os acusados não podiam conhecer o nome de seus denunciantes, ou das testemunhas de acusação, nem sequer as circunstâncias de tempo e lugar dos crimes imputados. A imagem da ação arbitrária é complementada pela imagem da ação interessada. As penas para os crimes de heresia compreendiam não apenas a entrega do condenado ao braço secular para sua execução, mas também o confisco de todos os seus bens. A idéia de ação interessada não se limita ao confisco de bens. Com efeito, no caso dos tribunais portugueses peninsulares, cuja atividade é quase monopolizada pelo "crime" do judaísmo, existia uma estratégia clara de proceder a uma perseguição sistemática dos cristãos-novos de aldeia em aldeia, de vila em vila, de cidade em cidade – tudo isso sem resultados visíveis do ponto de vista da supressão das supostas atividades heréticas, pois a cada ano apareciam de novo centenas de condenados. Politicamente o problema parecia evidente: se a repressão inquisitorial era impotente para acabar com a heresia do judaísmo, seria necessário expulsar toda a comunidade dos cristãos-novos que "infectava" o Reino. A ação discriminatória – ou anti-semita, poderíamos acrescentar – é uma das vertentes desse conjunto de imagens sobre a Inquisição construídas pelos cristãos-novos. Estes acusam

sempre o "Santo Ofício" de os considerar sempre judeus e não cristãos, de lhes reservar um tratamento diferenciado em relação a outros presos e de lhes aplicar penas mais severas. Na verdade, quando se lê a série impressionante de sermões de autos da fé, impressos desde o início do século XVII em Portugal, é evidente a presença esmagadora e constante do judaísmo. Mas o aspecto altamente significativo é que eles não falam quase nunca de cristãos-novos, designados exclusiva e depreciativamente como "judeus". O simples fato de ser cristão-novo era o indício de heresia judaizantexa migratório para uma boa parte da Europa, Turquia e Norte da África⁴, . Do Marrocos, partiu em 1818, a primeira leva de imigrantes judeus que aportaria na Amazônia, construindo a primeira comunidade judaica em solo brasileiro.

Ainda no século XIX, em países como a Alemanha⁵ e a Rússia cria-se um forte debate sobre a melhor forma de tornar os judeus úteis à sociedade: os empregos aos quais foram relegados durante os séculos de discriminação, passam a ser considerados desumanos, entretanto suas crenças religiosas, sua língua, suas vestimentas são consideradas bárbaras. A emancipação dos judeus nestes países depende de sua assimilação às populações e culturas locais. Os judeus aproveitam, então, da nova liberdade que lhes é atribuída e começam a exercer novas profissões, e freqüentam as mesmas escolas e universidades como os outros cidadãos. Entretanto, os nacionalistas criam novos obstáculos aos cidadãos judeus. Cada vez mais, os povos se definem em função de elementos comuns: cultura, sangue e língua. Mesmo os judeus que se converteram ao cristianismo, estando completamente assimilados, continuam sendo considerados estrangeiros.

⁴ BETHENCOURT, F. História das inquisições. Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. pp. 338/344.

⁵ Cf. in STACKELBERG, Roderick. *A Alemanha de Hitler. Origens, Interpretações, Legados*. Rio de Janeiro, Imago, 2002. p.72.

O nacionalismo revive as intolerâncias tão conhecidas do período da Inquisição o que se torna a base do anti-semitismo moderno.

O termo *anti-semitismo* é usado pela primeira vez por um jornalista alemão, Wilhelm Marr (1819-1904), no livro intitulado *A vitória do judaísmo sobre a Alemanha*. Nesta época, o termo "anti-semitismo" tinha para seus adeptos uma conotação nitidamente positiva. Por mais paradoxal que possa parecer, o anti-semitismo ideológico no século XIX era com frequência expresso por um símbolo de virtude, falta de comercialismo, e altruísmo. Entretanto um outro tipo de anti-semitismo surge paralelamente. A emancipação dos judeus na Europa Central, na esteira das revoluções democráticas de 1789 a 1848, acarretou formas mais radicais de anti-semitismo, na segunda metade do século XIX, à medida que os judeus eram cada vez mais considerado s culpados pelas crises econômicas e outros problemas de uma era em rápida modernização. A plena emancipação dos judeus da Alemanha só ocorreu em 1869, na véspera da unificação. A 3 de julho de 1869 foram revogadas incapacidades civis decorrentes de filiação religiosa. Quatro anos depois, a primeira crise financeira do novo Reich provoca uma explosão de anti-semitismo virulento, quando o anti-semitismo religioso é suplantado pelo anti-semitismo econômico, político e social. A partir de então, os judeus tornam-se culpados por tudo o que acontece, o que fará germinar a conhecida teoria, usada por Hitler, da conspiração judaica. Nos Estados Unidos, a KKK atribui aos judeus a culpa pelo movimento dos direitos humanos. Assim é que, em Atlanta, em 12 de outubro 19 58 a sinagoga principal da cidade sofre um atentado a bomba, que teve repercussão não só de âmbito nacional, pois estamos na terra de Martin Luther King, mas internacional, sobretudo devido ao fato da comunidade judaica desta cidade ser quase

toda oriunda da Polônia e da Hungria, e muitos de seus mais honrados cidadãos na época, sobreviventes dos campos de extermínio⁶.-

O anti-semitismo está se difundindo em toda a Europa, sobretudo depois da derrota alemã na Grande Guerra de 1914/1918, e chegará mais tarde, também às Américas, como sabemos, pelas simpatias de Getúlio Vargas, no Brasil e Juan Péron, na Argentina, com o nazismo.

Eça de Queirós: a visão portuguesa do Israelismo

Eça de Queirós, o ilustre escritor português de *"Os Maias"*, *"O crime do padre Amaro"* entre tantas outras obras renomadas, serviu como Cônsul em Cuba e na Inglaterra, durante o período de 1874 a 1878. Entretanto, suas *"Cartas de Inglaterra"*, que relatam suas experiências, políticas, pessoais, vistas e vividas na Inglaterra, só são publicadas em 1880. O capítulo VI das "Cartas" nos interessou em especial, pois nela, Eça de Queirós traça um painel resultante de um olhar sagaz, algumas vezes caricatural,- ousaria mesmo arriscar, imbuído do espírito da Inquisição- sobre a situação do "Israelismo", como ele mesmo chama o Judaísmo.

Sua observação traça dentro deste painel duas diferentes pinturas: uma inglesa, e outra, alemã. Eis o que Eça nos fala sobre o israelismo na Inglaterra

As duas grandes "sensações" do mês são incontestavelmente a publicação do novo romance de Lord Beaconsfield, Endymion, e a agitação na Alemanha contra os judeus. Literariamente, pois, e socialmente, o mês pertence aos Israelitas. Este extraordinário movimento

⁶ Meus sinceros agradecimentos à *William Breman Jewish Heritage Foundation & Museum* em Atlanta, Georgia por terem me facultado as pesquisas que foram realizadas em abril de 2002.

anti-judaico, esta inacreditável ressurreição das cóleras piedosas do século XVI, é vigiada com tanto mais interesse em Inglaterra⁷ quanto aqui, como na Alemanha, os judeus abundam, influindo na opinião pelos jornais que possuem (entre outros o Daily Telegraph, um dos mais importantes do reino), dominando o comércio pelas suas casas bancárias, e em certos momentos mesmo governando o Estado pelo grande homem da sua raça, o seu profeta maior, o próprio Lord Beaconsfield⁸

Entretanto, Eça já tornava óbvio, em seu artigo, o movimento anti-semita que ganhava cada vez mais espaço em toda Europa:

Aqui, decerto, estamos longe de ver desencadear um ódio nacional, uma perseguição social contra os judeus; mas há suficientes sintomas de que o desenvolvimento firme deste Estado israelita, dentro do Estado cristão, começa a impacientar o inglês. Não vejo, por exemplo, que o que está se passando na Alemanha, apesar de exalar um odioso cheiro de auto-da-fé, provoque uma grande indignação da imprensa liberal de Londres ... Mas que diremos do movimento na Alemanha? ... Porque enfim, sob formas civilizadas e constitucionais (...) é realmente a uma perseguição de judeus que vamos assistir, das boas, das antigas, das Manuelinas, quando se deitava à mesma fogueira os livros do Rabino e o

⁷ QUEIRÓS, Eça. *Cartas de Inglaterra*. Obras completas. vol.XII. Porto, Lello & Irmão Editores. 1955. pp.55/66

⁸ QUEIRÓS, Eça. op. cit. p.55

*próprio Rabino, exterminando assim, econòmicamente, com o mesmo feixe de lenha, a doutrina e o doutor*⁹.

A análise arguta de Eça de Queirós aparece na comparação da atitude do governo alemão da época com a postura de um dos reis de Portugal durante a Inquisição:

*Mas, o mais extraordinário ainda é a atitude do governo alemão: interpelado, forçado a dar a opinião oficial, a opinião de Estado, sobre este rancor obsoleto e repentino da Alemanha contra o judeu, o governo declara apenas, com lábio escasso e seco, " que não tenciona por ora alterar a legislação relativa aos israelitas!" Não faltaria com efeito mais que ver os ministros do império, filósofos e professores ,decretando, à D. Manuel, a expulsão dos judeus, ou restringindo-lhes a liberdade civil até os isolar em vielas escusas, fechadas por correntes de ferro, como nas judiarias do Ghetto*¹⁰.

O que já acontecera alguns séculos atrás, Eça reporta no final do século XIX aquilo que é visto na superposição dos fatos sociais, sobretudo devido ao comportamento duvidoso por parte das autoridades governamentais. A comparação com os judeus que crucificaram Jesus torna-se inevitável. E novamente as imagens das ações arbitrárias contidas nos princípios inquisitórios surgem através da escritura das "Cartas": a inveja pelo poder dos judeus, poder esse que se

⁹ Idem, pp.55/56

¹⁰ Idem.Ibidem. op.cit. p.57

estende a alto cargos políticos, a altos cargos liberais, mas sobretudo pelo fato de terem-se apoderado "das duas grandes forças sociais – a Bolsa e a Imprensa"¹¹.

Eis o relato do analista social, prevendo os fatos que eclodiriam em 1939:

O motivo do furor anti-semítico é simplesmente a crescente prosperidade da colônia judaica, colônia relativamente pequena, apenas composta de 400.000 judeus, mas que, pela sua atividade, a sua pertinácia, a sua disciplina, está fazendo uma concorrência triunfante à burguesia alemã. A alta finança e o pequeno comércio estão-lhe igualmente nas mãos: é o judeu que empresta aos Estados e aos príncipes, é a ele que o pequeno proprietário hipoteca as terras. Nas profissões liberais absorve tudo: é ele o advogado com mais causas e o médico com mais clientela; se na mesma rua há dois tendeiros, um alemão e outro judeu, o filho da Germânia ao fim do ano está falido, o filho de Israel tem carruagem. (...) Mas se a riqueza do judeu o irrita, a ostentação que o judeu faz da sua riqueza enlouquece-o de furor. E neste ponto, devo dizer que o alemão tem razão.

... A sua pompa espetaculosa de Salomões parvenus ofende o nosso gosto contemporâneo, que é sóbrio. Falam sempre alto, como em país vencido, e em um restaurante de Londres ou de Berlim, nada há mais intolerável que a gralhada semítica. Cobrem-se de jóias, todos os arreios

¹¹ Idem Ibidem. op.cit. p.63

*das carruagens são de ouro, e amam o luxo grosseiro e vistoso. Tudo isto irrita*¹²..

Embora devendo manter-se imparcial, podemos notar em duas passagens, que os sentimentos perpassam a escritura, tornando-a mais parcial. É Eça de Queirós expressando-se em relação às atitudes dos judeus: primeiramente, quando afirma *'E neste ponto devo dizer que o alemão tem razão'* e, em segundo, sua atitude parcial delinea-se em sua última afirmação: *"Tudo isto irrita!"* Sem dúvida alguma, ali estava presente o narrador/escritor – dotado de visão premonitória- dos acontecimentos que o mundo viria a vivenciar. E assim termina suas reflexões,

*Portanto, à falta duma guerra, o príncipe de Bismarque atrai a atenção do alemão esfomeado – apontando-lhe para o judeu enriquecido*¹³.

Durante as eleições presidenciais francesas, no início deste ano, um excelente artigo *Je hais, donc je suis*, foi escrito pelo jornalista Jacques Duplouich, no jornal "Le Figaro": ao parafrasear Descartes o jornalista nos fala da "xenophobie et de paranoïa depuis l'affaire Dreyfus" reinante não só na França, mas nos países europeus, cujos cidadãos se assustaram com o avanço da extrema direita. O jornalista retoma um texto de François Mauriac, que está em um de seus últimos "Bloc-Notes", publicados no suplemento Figaro Littéraire, datado de janeiro de 1970 : *"La question que je me pose à propos de l'Europe, c'est de savoir si ,en dépit des*

¹² Idem Ibidem. op.cit. pp61/62

¹³ Idem Ibidem. op.cit. p.65

*générations, le passé ne survivra pas à tout , si l'Allemagne ne continuera pas de faire peur*¹⁴ (..)"

Émile Zola e o Affaire Dreyfus : "J'accuse"

Acredito ser desnecessário apresentar Émile Zola, tido como um dos quatro grandes romancistas do século XIX, juntamente com Stendhal, Flaubert e Balzac. Autor de vastíssima obra que é vista como "roman-fleuve" *Les Rougon-Macquart* é o fruto do trabalho de um escritor, parte observador, parte cientista, lidando com os fatos da vida humana. Pouco a pouco, Zola se dedica também ao jornalismo, que ocupa em sua vida profissional um papel preponderante, tomando muitas vezes, o aspecto de campanha de imprensa: críticas literária, dramáticas, artísticas, mas também crônicas sobre a atualidade. Zola participa ativamente da luta contra o ocaso do Segundo Império, ao denunciar as arbitrariedades cometidas pelo poder.

Assim, Émile Zola será o intelectual que levantará o véu negro da hipocrisia que encobria o escândalo anti-semita, que veio a ser conhecido em todo o mundo como o "Affaire Dreyfus". Entretanto, antes de entrar neste caso e na defesa pública, por meio da imprensa, que Zola fez do Capitão Dreyfus, convêm que façamos uma pequena análise na situação política anti-semita da França, no final do século XIX. O Affaire Dreyfus não foi a primeira manifestação de racismo. Desde 1835, o diplomata Arthur de Gobineau (1816-1882) dedicou-se à publicação de sua obra "*Essai sur l'inégalité des races*", que será uma justificativa para a defesa do racismo como doutrina científica. Do ponto de vista ideológico, muitos cidadãos fazem uma profissão de fé de seu anti-semitismo. Outro anti-semita, Alphonse de Toussenel (1803-1885) publica "*Les juifs, rois de l'époque* (Marpon et Flammarion, 1886, 2 vol.), logo seguido de seu discípulo, Edouard

¹⁴ DUPLOUICH, Jacques. "Je hais, donc je suis" in Le Figaro. Le 3 mai, 2002

Drumont (1844-1917), que levará a bandeira da causa, especialmente com a obra "*La France juive*", *essai d'histoire contemporaine* (Savine, 1886, 2 vol.), ou ainda "*Les juifs contre la France*" , publicada pela Librairie Antisémita, em 1899, origem da criação da Librairie Antisémita, e fundador de "*La Libre parole*". Foram estas duas publicações, o livro e o jornal, onde o escritor-jornalista defende teses socialistas, que lhe abrem o caminho do sucesso. Seu maior furo jornalístico será a revelação do escândalo do Panamá. Georges Darien traçou em seu romance, "*Les Pharisiens*" (1891) o retrato da personagem de Drumont como o ogro e de seu editor¹⁵.

Como podemos ver pela época em questão, o final do século na Europa trazia forte carga de anti-semitismo e Zola, ao defender Dreyfus torna-se alvo, já no final de sua vida, deste escândalo público que o afetará, de tal forma, que terá que se exilar. Porém, este caso escabroso de anti-semitismo, o Affaire Dreyfus, causou problemas gravíssimos, não só ao

Oficial do Exército francês Alfred Dreyfus, mas atraiu sobre Zola grandes e poderosos inimigos, pois, chega-se mesmo a suspeitar, que a sua morte, ocorrida em 1902, não tenha sido natural.

O Affaire Dreyfus é o caso mais flagrante de perseguição, calúnia a um judeu que "ousou" galgar os degraus do Alto Escalão do Exército na França, no final do século XIX. Alfred Dreyfus advém de uma família tradicional de ricos industriais judeus, da Alsácia. Nascido em 1859, Dreyfus segue carreira militar, e sua promoção a Capitão ocorre em 1899; é o resultado de uma brilhante carreira dentro do Exército. Em 1892 é nomeado para servir no Estado Maior do

¹⁵ MAYEUR, J.M. "*Affaire Dreyfus*" in M. Ambrière(direction), Dictionnaire du XIXème siècle européen. Paris, PUF, 1998, pp.344/345

Exército, onde ele é o único judeu. Em outubro de 1894, uma mensagem convoca-o a se apresentar "em trajes civís" para uma inspeção. No dia desta inspeção, Dreyfus é preso, sob a acusação de alta espionagem a favor da Alemanha, quando documentos sobre a segurança nacional francesa haviam sido roubados. Seu processo tem início em dezembro de 1894, dia 19 e no dia 22 é condenado, execrado publicamente, perde a patente, e finalmente, é enviado para a prisão, na ilha do Diabo.

A publicação de uma carta aberta de Émile Zola¹⁶ ao Presidente da República, intitulada *J'Accuse*, no "l'Aurore", em janeiro de 1898, vale a condenação de seu autor, a um ano de prisão, mas em compensação, traz à tona o complô anti-semita, que marcou de forma indelével a história da França. A opinião pública se divide então, nos "dreyfusards", os homens de esquerda, os anticlericais, e os antimilitaristas e, do outro lado, os "antidreyfusards", os nacionalistas, os conservadores, os anti-semitas.

.....

J'accuse enfin le premier conseil de guerre d'avoir violé le droit, en condamnant un accusé sur une pièce restée secrète, et j'accuse le second conseil de guerre d'avoir couvert cette illégalité, par ordre, en commettant à son tour le crime juridique d'acquitter sciemment un coupable.

¹⁶ ZOLA, É "*J'accuse*" in Littérature. Textes et Documents. XIXème siècle. Direction de Mitterand, Henri. Paris, Ed. Nathan, 1986. p.479

En portant ces accusations, je n'ignore pas que je me mets sous le coup des articles 30 et 31 de la loi sur la presse du 29 juillet 1881, qui punit les délits de diffamation. Et c'est volontairement que je m'expose.

Quant aux gens que j'accuse, je ne les connais pas, je ne les ai jamais vus, je n'ai contre eux ni rancune ni haine. Ils ne sont pour moi que des entités, des esprits de malveillance sociale. Et l'acte que j'accomplis ici n'est qu'un moyen révolutionnaire pour hâter l'explosion de la vérité et de la justice.

Je n'ai qu'une passion, celle de la lumière, au nom de l'humanité qui a tant souffert et qui a droit au bonheur. Ma protestation enflammée n'est que le cri de mon âme. Qu'on ose donc me traduire en cour d'assises et que l'enquête ait lieu au grand jour!

J'attends.

Veillez agréer, monsieur le Président, l'assurance de mon profond respect.

Émile Zola

Zola já havia acendido o estopim da bomba com seu artigo. Só foi uma questão de tempo, pois, um ano depois, em 1899, Dreyfus é absolvido após dois julgamentos devido a um prolongamento do processo. Em 1906, é condecorado com a "Légion d'Honneur" e reintegrado ao Exército francês, com as devidas honras.

Concluindo, podemos afirmar que a grande diferença entre Émile Zola e Eça de Queirós é a forma pela qual o escritor francês defende o cidadão – no caso um compatriota seu - acusado injustamente, simplesmente por pertencer a um outro contexto social, cultural, político e religioso. Zola respeita a singularidade, a alteridade, que o "outro" merece: joga com sua mais poderosa arma: a escritura do romancista e do cientista.

Por outro lado, Eça de Queirós, no artigo das *"Cartas de Inglaterra", o Israelismo*, mostra-se menos tolerante, vendo apenas "os israelismos" que incomodam o povo alemão, e que, se estenderão por toda Europa. Como diz o escritor, "a riqueza dos judeus irrita" alemães, ingleses e por que não, portugueses, e a ele, escritor, por vezes cruel analista, do contexto social da época.

Sob este aspecto, Émile Zola é um semelhante de Alfred Dreyfus, da mesma forma que o foram todos os indivíduos que defenderam os judeus durante o período nazista, e com isso perderam sua liberdade e sua vida, juntamente com os seis milhões de seres humanos que ficaram nos campos da morte ...